

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

**IV SEAD - SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO**

**1969-2009: Memória e história na/da Análise do Discurso**

**Porto Alegre, de 10 a 13 de novembro de 2009**

**MATERIALIDADES DA LINGUAGEM: a Análise do Discurso e a semiologia  
barthesiana**

Renan Belmonte Mazzola

renanbm@yahoo.com

Mestrando em Linguística e Língua Portuguesa

Universidade Estadual Paulista (UNESP/CAr)

*Objetos, imagens, comportamentos podem significar, claro está, e o fazem abundantemente, mas nunca de uma maneira autônoma; qualquer sistema semiológico repassa-se de linguagem. (Barthes).*

**Introdução**

Tendo em vista a grande utilização de enunciados não-verbais nos trabalhos de Análise do Discurso realizada no Brasil, este artigo pretende compreender como a teoria barthesiana pode vir a contribuir para a completude das análises discursivas, pelo fato de que o não-verbal também significa. Essa reflexão emerge de uma conjuntura de problematização teórica acerca dos deslocamentos operados pela Análise do Discurso – derivada dos trabalhos de Michel Pêcheux e de Michel Foucault – na incorporação de novos objetos tomados em suas mais diversas materialidades. Nessa primeira década do século XXI, é preciso empreender um diálogo entre a Análise do Discurso e a Semiologia para melhor entender de que forma os sentidos circulam e como são construídos em uma sociedade; esse diálogo a ser empreendido, no entanto, gera uma série de questões outras e anteriores, a saber: a) a que teoria semiológica podemos nos referir? b) como lidar com a Semiologia no interior do campo da Análise do Discurso? c) em que sentido a semiologia proposta por Barthes vem preencher uma necessidade da AD?

A partir de Barthes (1977, 1990), poderemos enxergar melhor do que trata e quais são os objetos de uma Semiologia derivada dos métodos de análise linguística; em algumas de suas obras, naturalmente, ele trata dos signos existentes no “seio da vida social” com enfoques distintos – ora

estuda o mito, ora a propaganda, ora o fotojornalismo - mas que contribuirão, em seu conjunto, para a descrição estrutural da significação e da relação desta com os elementos sócio-históricos. Com a força heurística da Semiologia proposta por Barthes, a Análise do Discurso poderá abordar mais adequadamente a diversidade de materialidades utilizadas pelas mídias como suportes de seus discursos e dos discursos que querem em circulação.

Na “terceira época” da AD – definida a partir de 1980 – comprova-se mais legitimadamente o movimento de Pêcheux em direção a outros objetos que não fossem exclusivamente *escritos e/ou doutrinários*. Em seu livro *O discurso: estrutura ou acontecimento*, por exemplo, Pêcheux (2002) debruça-se sobre um enunciado ordinário: “*on a gagné*”, pronunciado pelos eleitores de François Mitterrand, do partido de esquerda, que ganhara as eleições para presidente da República Francesa no dia 10 de maio de 1981. Esse enunciado, assegura Pêcheux (2002), é atravessado por discursividades da mesma maneira que os escritos doutrinários, pois revela uma estrutura<sup>1</sup> e integra um acontecimento<sup>2</sup>. A partir de então, as formulações cotidianas, tomadas “no ordinário do sentido”, passam a chamar a atenção do analista de discursos. Em outro livro, intitulado *Papel da memória* (ACHARD, 1999), Pêcheux analisa os efeitos de sentido na imagem, classificando-a como operador de memória social, e adverte sobre a necessidade de explicar o funcionamento de outras materialidades. Desse momento em diante, é evidente a necessidade de pesquisar outros tipos de signo que não propriamente o linguístico, mas signos cuja substância poderá ser adequadamente explicada e descrita com a ajuda de teorias semiológicas (elegemos aqui a barthesiana), tendo em vista que a Análise do Discurso emergiu, inicialmente, com o objetivo de descrever e interpretar *enunciados verbais*.

Temos, assim, no terreno da linguagem, uma primeira sugestão para o estudo geral dos signos da sociedade, formulada por Ferdinand de Saussure:

Pode-se, então, conceber *uma ciência que estude a vida dos signos no seio da vida social*; ela constituiria uma parte da Psicologia social, e, por conseguinte, da Psicologia geral; chamá-la-emos de *Semiologia* (do grego *sēmeion*, “signo”). Ela nos ensinará em que consistem os signos, que leis os regem. Como tal ciência não existe ainda, não se pode dizer o que será; ela tem direito, porém, à existência; seu lugar está determinado de antemão. A Linguística não é senão uma parte dessa ciência geral; as leis que a Semiologia descobrir serão aplicáveis à Linguística e esta se achará dessarte vinculada a um domínio bem definido no conjunto dos fatos humanos. (SAUSSURE, 2002, p. 23-24, grifo do autor).

---

<sup>1</sup> “*On a gagné Ø*”: sujeito indefinido *on*, referindo-se indeterminadamente aos militantes do partido esquerdista francês ou ao povo geral da França; ausência de complemento, levando ao questionamento “*ganhamos o quê?*”. Em uma partida de futebol, a resposta é óbvia, mas e no terreno da política? Ademais, devemos lembrar que esse enunciado é deslocado do campo do esporte, motivo pelo qual se observa o estranhamento no momento de sua irrupção. (PÊCHEUX, 2002).

<sup>2</sup> Para Pêcheux (2002, p. 17), o acontecimento se estabelece “no ponto de encontro de uma atualidade e de uma memória”. Ao isolarmos o enunciado “*On a gagné*”, percebemos que a irrupção desse acontecimento na história se inscreve em uma atualidade, ao mesmo tempo em que retoma uma memória proveniente do esporte, que se configurava como “campo primeiro” de existência desse enunciado, antes de seu deslizamento para o campo da política.

Saussure define a Linguística no interior do grande campo que a engloba: a Semiologia. Contudo, Saussure não dá continuidade à sua definição e à metodologia das leis que regem tais signos, mas deixa indicada a “possibilidade semiológica”.

Quanto às substâncias significantes, observamos certas modalidades de imagens fixas – como a fotografia, a pintura etc – que são, por definição, enunciados não-verbais; as propagandas e o fotojornalismo, por seu turno, frequentemente combinam enunciados verbais com não-verbais. É no instante em que o analista encontra-se diante de uma combinação de enunciados verbais com não-verbais (ou unicamente não-verbais) que se faz necessário o resgate de uma teoria semiológica, pois lida-se com duas materialidades distintas. O enunciado verbal possui uma linearidade e é composto por signos linguísticos<sup>3</sup>; o enunciado não-verbal – ou a significação que é derivada de uma substância não-verbal *emitida* – requer outros gestos para sua interpretação. Reconhecemos, descrevemos e interpretamos uma pintura, por exemplo, por meio de traços, de cores, de formas, de tons etc. Não queremos dizer que um texto, um quadro ou uma fotografia não possam retratar, todos, por exemplo, o conceito de “guerra”: mas fazem-no de maneiras completamente diferentes. A compreensão das diferentes naturezas de significação dos objetos tomados para estudos, não apenas auxiliam o analista de discursos a operar uma análise mais adequada, como também requer deslocamentos teóricos na epistemologia da Análise do Discurso. Assim, para iniciarmos essas reflexões, propomos retornar aos trabalhos de Roland Barthes acerca do não-verbal, da fotografia, da propaganda e de suas elaborações teóricas.

### **Os elementos semiológicos de Roland Barthes**

Em *Elementos de semiologia*, podemos visualizar mais facilmente o que Barthes (1977) entende por *semiologia*, pois, nesse livro, o autor francês se propõe a problematizá-la. Tendo em vista que a semiologia tem por objeto qualquer sistema de signos, seja qual for sua substância, Barthes (1977, p. 11) alerta para o fato de que “o desenvolvimento das comunicações de massa dá hoje uma grande atualidade a esse campo imenso da significação [...]. Atualmente, há uma solicitação semiológica oriunda, não da fantasia de alguns pesquisadores, mas da própria história do mundo moderno.” Imagens, cinema, gestos, reações, músicas, sons; substâncias complexas encontradas em ritos, protocolos, celebrações, compõem sistemas de significação – mesmo que não constituam, necessariamente, linguagens. A certa altura do livro em questão, deparamo-nos com uma afirmação contundente de Barthes (1977, p. 12): “qualquer sistema semiológico repassa-se de linguagem.” Esse atravessamento operado pela linguagem nos sistemas de significação resgata, essencialmente, a relação linguagem vs. pensamento/cognição. Dessa maneira, emergem alguns deslocamentos necessários, como os do tipo:

---

<sup>3</sup> Referimo-nos ao conceito saussuriano de signo, que une um *significante* (uma “imagem acústica”) a um *significado* (o conceito a que se quer referir) (SAUSSURE, 2002).

É preciso, em suma, admitir desde agora a possibilidade de revirar um dia a proposição de Saussure: a linguística não é uma parte, mesmo privilegiada, da ciência geral dos signos: a Semiologia é que é uma parte da Linguística; mais precisamente, a parte que se encarregaria das *grandes unidades significantes* do discurso. (BARTHES, 1977, p. 13, grifo do autor).

Para Barthes (1977), a asserção acima é derivada do fato de que as mensagens icônicas encontram-se em uma relação estrutural de redundância ou revezamento com o sistema da língua. Ora, se o semiólogo é levado a encontrar, mais cedo ou mais tarde, a linguagem<sup>4</sup>, observa-se um terreno comum entre os sistemas de signos e os atravessamentos discursivos. No trecho supracitado – eleito também para compor a epígrafe deste artigo – o diálogo iminente entre a Semiologia e a Análise do Discurso é legitimadamente apontado.

Uma problemática, no entanto, permanece: uma teoria semiológica deve necessariamente herdar a metodologia derivada da análise linguística? O debate travado atualmente no campo da Análise do Discurso, no que se refere aos enunciados não-verbais, é justamente essa. Discursos circulando em outras materialidades que não só linguística sempre existirão. O que não é comumente explicitado é de onde se parte para pensá-los. Barthes tem consciência dessa lacuna encontrada no interior das ciências humanas, e explicita-a em *Elementos*:

Os *Elementos* aqui apresentados não têm outro objetivo que não seja tirar da Linguística os conceitos analíticos a respeito dos quais se pensa *a priori* serem suficientemente gerais para permitir a preparação da pesquisa semiológica. Não conjecturamos, ao reuni-los, se subsistirão intactos no decurso da pesquisa; nem se a Semiologia deverá sempre seguir estreitamente o método linguístico. (BARTHES, 1977, p. 13-14).

Não devemos julgar Barthes. Ao contrário, sua iniciativa foi pioneira, tendo em vista que Saussure (2002) não dedicou senão poucas páginas (duas ou três) para apontar o que posteriormente foi aprofundado da semiologia.

Em seu ensaio *A mensagem fotográfica*, componente do livro intitulado *O óbvio e o obtuso*, Barthes (1990) propõe um método de análise da fotografia jornalística – isto é, do fotojornalismo – cuja estrutura não emerge isoladamente, mas articula-se com o texto:

É evidente que, mesmo sob a ótica de uma análise puramente imanente, a estrutura da fotografia não é uma estrutura isolada; identifica-se, pelo menos, com uma outra estrutura, que é o texto (título, legenda ou artigo) que acompanha toda fotografia jornalística. A totalidade da informação está, pois, apoiada em duas estruturas diferentes (uma das quais linguística); essas duas estruturas [...] não se podem confundir; no texto, a substância da mensagem é constituída por palavras; na fotografia, por linhas, superfícies, matizes. (BARTHES, 1990, p. 12).

---

<sup>4</sup> Essa linguagem, explica Barthes (1977, p. 12), “não é exatamente a dos linguistas: é uma segunda linguagem, cujas unidades não são mais os monemas ou os fonemas, mas fragmentos mais extensos do discurso; estes remetem a objetos ou episódios que significam *sob* a linguagem, mas nunca sem ela.” Aqui, portanto, podemos dizer que ocorre um encontro ou uma articulação entre o objeto da semiologia e o objeto da Análise do Discurso.

Ainda que, nesse ensaio, seja nítida a influência de Roman Jakobson e de sua teoria da comunicação, podemos depreender apontamentos importantes para a análise de um conjunto significativo composto por substâncias – de expressão<sup>5</sup> – verbais (grafemas) e não-verbais (traços, cores, matizes, superfícies) que, embora contribuam conjuntamente para a significação, devem ser consideradas separadamente. Visualizamos tal influência logo nas primeiras linhas do ensaio: “A fotografia jornalística é uma *mensagem* e, como tal, é constituída por uma *fonte emissora*, um *canal de transmissão* e um *meio receptor*.” (BARTHES, 1990, p. 11, grifo nosso).

Barthes parte do senso comum para descrever o conteúdo da mensagem fotográfica, problematizando a hipótese de que a imagem fotográfica seria uma *mensagem sem código*:

O que transmite a fotografia? Por definição, a própria cena, o literalmente real. [...] Entre o objeto e sua imagem não é absolutamente necessário interpor um *relais*, isto é, um código; é bem verdade que a imagem não é o real, mas é, pelo menos, o seu *analogon* perfeito, e é precisamente esta perfeição analógica que, para o senso comum, define a fotografia. (BARTHES, 1990, p. 12).

Nesse sentido, aparentemente, vem à nossa mente outras modalidades de mensagens sem código: desenhos, pintura, cinema, teatro – pois são, à primeira vista, reproduções analógicas da realidade: o adágio popular “uma imagem vale mais que mil palavras” ilustra essa questão. Entretanto, de acordo com Barthes (1990, p. 13), “cada uma dessas mensagens desenvolve [...] uma mensagem suplementar, que é o que comumente se chama o *estilo* da reprodução: trata-se de um sentido segundo.” Esse sentido segundo, chamado de estilo, refere-se à posição da câmera fotográfica, a focalização realizada, a disposição dos objetos, o enquadramento. Tais sentidos são construídos com a ajuda de técnicas que envolvem a prática do *fotografar*:

Em suma, todas essas “artes” imitativas comportam duas mensagens: uma mensagem *denotada* que é o próprio *analogon* e uma mensagem *conotada* que é a maneira pela qual a sociedade oferece à leitura, dentro de uma certa medida, o que ela pensa. (BARTHES, 1990, p. 13).

A consideração acima, efetuada por Barthes, acerca das “artes imitativas” se estendem, de igual maneira, ao desenho ou à cena filmada – pois estas são partes daquelas. A divisão do processo de significação em dois momentos (denotativo e conotativo) revela como Barthes apropria-se de mecanismos inicialmente pensados para o signo linguístico e estendem-nos para as materialidades não-verbais. Essencialmente, o processo de denotação tratava da percepção simples, superficial; e o processo de conotação continha as mitologias, como chamava os sistemas de códigos que nos são transmitidos e são adotados como padrões (a fotografia jornalística, por exemplo, é um objeto trabalhado, escolhido, composto, construído, tratado segundo normas profissionais, estéticas ou ideológicas). Segundo ele, esses conjuntos ideológicos eram às vezes absorvidos despercebidamente, o que possibilitava e tornava viável o uso de veículos de comunicação para a persuasão. Resume-nos

---

<sup>5</sup> Confira Hjelmslev, L. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 1975.

Barthes (1990, p. 14): “O paradoxo fotográfico consistiria, então, na coexistência de duas mensagens: uma sem código (seria o análogo fotográfico) e a outra codificada (o que seria a ‘arte’ ou tratamento, ou a ‘escritura’, ou a retórica da fotografia)”.

Em *A retórica da imagem*<sup>6</sup>, outro ensaio escrito em 1964, Barthes busca compreender como o sentido chega à imagem e onde ele termina; e, se termina, o que existe além dele. Assim, o autor promete “facilitar” nosso trabalho, tomando como objeto apenas a imagem publicitária, alegando que, *em publicidade, a significação da imagem é certamente intencional*. Elege, então, uma publicidade *Panzani* – marca de uma empresa fabricante de massas para macarrão. Inicialmente, Barthes (1990) diz-nos que a publicidade contém três mensagens diferentes, são elas: a) uma mensagem linguística (a marca da empresa *Panzani*); b) uma mensagem icônica codificada (construída, tratada, composição dos elementos); e c) uma mensagem icônica não codificada (perceptiva). Mais uma vez, sua metodologia semiológica parte de elementos pensados para a materialidade verbal, haja vista o emprego dos termos “conotação”, “denotação”, “mensagem”; e, mais especificamente nesse ensaio, empregam-se os termos “lexia” e “léxico” para referir-se a uma ou mais imagens. Não podemos nos esquecer do título do ensaio, que nos remete ao mecanismo “retórico” presente nas imagens. Explicamos Barthes (1990, p. 38, grifo do autor):

[...] *a mesma lexia mobiliza léxicos diferentes*. O que vem a ser um léxico? É uma parte do plano simbólico (da linguagem) que corresponde a um conjunto de práticas de técnicas; é exatamente o caso das diferentes leituras da imagem [...]. Há, em cada pessoa, uma coexistência de léxicos; o número e a identidade desses léxicos formam o *idioleto* de cada um.

O questionamento fundamental gerado pelas reflexões de Barthes, atualmente, é: uma teoria semiológica derivada de mecanismos construídos inicialmente para a descrição de enunciados linguísticos é adequada para a completude analítica do não-verbal? E, mais especificamente, como a teoria barthesiana auxilia a Análise do Discurso e como ela lida com os elementos sócio-históricos presentes na circulação dessas materialidades?

### **Considerações finais**

A partir do percurso realizado por algumas obras de Barthes, constatamos que sua teoria semiológica parte do verbal para explicar o não-verbal; como vimos, F. de Saussure (2002) é seu grande influenciador. Buscamos problematizar como Barthes (1977, 1990) pode nortear uma proposta semiológica no interior dos estudos do discurso; e apontar possíveis diálogos entre o semiólogo francês e os trabalhos de Michel Pêcheux, principal fundador da disciplina cuja preocupação centrava-se, inicialmente, em enunciados verbais. Com a difusão das mídias e das novas tecnologias contribuindo para o desenvolvimento e disseminação das imagens, do cinema, das propagandas e dos portais de informação – que por sua vez cristalizam discursos e ideologias – é preciso, no cenário atual

---

<sup>6</sup> Também presente em Barthes (1990).

das pesquisas em AD francesa, dialogar e discutir com várias teorias semiológicas. Não desconhecemos a existência de outros trabalhos nesse sentido, também igualmente competentes – como o de Courtine (2008) e o de Ginzburg (2003) – mas destacamos Barthes porque, por meio dele, podemos começar a experimentar.

## Referências

- ACHARD, P. (et. al.). *Papel da memória*. Campinas: Pontes, 1999.
- BARTHES, R. *Elementos de semiologia*. São Paulo: Cultrix, 1977.
- \_\_\_\_\_. *O óbvio e o obtuso: ensaios críticos III*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- COURTINE, J.-J. O corpo anormal: história e antropologia culturais da deformidade. In: COURTINE, J.-J.; CORBIN, A.; VIGARELLO, G. (Org.). *História do corpo: as mutações do olhar. O século XX*. (Vol. 3). Petrópolis: Vozes, 2008. p. 253-340.
- GINZBURG, C. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes, 2002.
- \_\_\_\_\_. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997. p. 61-151.
- SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2002.